

**Vale acha
ouro no Pará**

*Fernando
Henrique
anuncia
descoberta de
jazida de
R\$ 2 bilhões.
Página 5*

O ESTADO DE S. PAULO

& NEGÓCIOS Economia

SEXTA-FEIRA, 2 DE FEVEREIRO DE 1996

**Excesso
de dólares**

*Ingresso de
capital externo
em janeiro foi
o maior desde
agosto, revela
Franco, do BC.
Página 4*

Juro cai a 2,31%, o menor desde novembro de 86

*Banco Central surpreende
o mercado financeiro e
reduz a taxa básica no
overnight em fevereiro*

**SUELI CAMPO
e JÔ GALAZI**

RIO — O mercado financeiro esperava que o Banco Central pudesse indicar uma redução na taxa de juros para fevereiro, mas não imaginava que a queda fosse tão acentuada. A taxa efetiva e básica dos juros na economia — formada pela remuneração dos títulos públicos federais no overnight e que darão parâmetros para o custo do dinheiro nas operações dos bancos — caiu ontem dos 2,58% em janeiro para 2,31%. Essa taxa é a menor desde novembro de 1986.

As projeções do mercado apontavam uma diminuição de taxas para até 2,40%. A definição dos rumos dos juros no mês tornou-se importante dados os sinais de cautela emitidos pelo Banco Central diante do crescimento da economia em janeiro. Alguns analistas esperavam até que as taxas de janeiro fossem mantidas e, depois, se necessário, ajustadas ao longo do mês.

“O BC não tem de atuar conforme as expectativas do mercado”, avisou ontem, no Rio, o presidente do Banco Central, Gustavo Loyola. Ele disse que as taxas de juros estão caindo “de forma adequada”, sem comprometer o plano de estabilização. Loyola disse também que para fevereiro as taxas de juros já estão definidas. “As operações dos próximos dias vão mostrar isso”, segundo ele. Quanto a março, “já que o BC age no mês a mês, só Deus sabe”.

“Foi uma superqueda se considerarmos que era 2,56%”, diz o administrador de fundos do Lloyds Bank, Eduardo Dirani. Na avaliação dos analistas, a taxa nominal (que considera o mês cheio e não apenas os dias úteis, que formam a taxa efetiva) deverá oscilar entre 3,60% e 3,80% ao mês. O diretor vice-presidente do Banco ABC Roma, Alfredo Neves Penteado Moraes, não acha



que a taxa vá permanecer no piso, 3,60%. “Tem espaço para oscilar durante o mês”, diz ele. Na sua opinião, a taxa arbitrada pelo Banco está correta, porque estava muito alta.

No ano, a redução na taxa de juros, representa uma queda de 2,6%, segundo o diretor financeiro do Bic Banco, Paulo Mallmann. Essa redução, diz, confirma a declaração do BC de que iria reduzir as taxas de juros, mas fica uma pergunta: “por quanto tempo ainda mais teremos queda?”

Descontando-se o Imposto de Renda, no caso de taxa efetiva de 2,31%, o juro líquido seria de 16% sobre o dólar, o que pode desestimular os aplicadores, diz.

Credidiário — Os reflexos dessa queda no crediário não serão grandes. Como as taxas estão muito elevadas, entre 8% e 10% ao mês, o im-

pacto dessa redução acaba sendo pequeno. “Os juros no crediário tendem a cair mais pelo efeito psicológico na medida em que aumenta a confiança das pessoas em tomar dinheiro emprestado”, afirma o Moraes, do ABC Roma.

Já para as grandes empresas, os reflexos devem ser imediatos e o impacto maior. “A disputa por empresas obriga os bancos a repassar essa redução”, diz Mallmann, do Bic Banco. Outro motivo que influencia, é o fato da demanda por crédito ser menor no primeiro trimestre do ano, ressalta.

O administrador de fundos do Lloyds lembra que quanto mais cai a taxa efetiva maior é o abismo entre o tomador e o aplicador. Enquanto para o tomador de recursos a queda não é representativa para o aplicador o efeito é grande, pois significa rendimento mais baixo.

**LOYOLA DIZ
QUE REDUÇÃO
DAS TAXAS É
'ADEQUADA'**